



## OÁSIS FEIRAN

As cabanas foram armadas uma ao lado da outra, de costas para a rocha, sob a proteção da concavidade da parede sul. Quando todos já dormiam, eu escalei o paredão e cheguei ao cume da colina. Ali fiquei por toda a noite, atento. Encontrei um bom lugar de vigília e me encolhi às sombras, apostando que nem mesmo o mais esperto dos Querubins me encontraria. Todavia, até onde a vista alcançava, a região estava mergulhada em um profundo silêncio. Os sons da noite, diminutos aos ouvidos humanos, foram sobrepujados pela desolação do deserto. As aves noturnas não apareceram naquela noite, e as serpentes preferiram ficar em seus covis. Até os ecos dos fantasmas errantes, que às vezes vagam pelos ermos, foram suprimidos na escuridão. Eu não sabia que tipo de sorte aquele ambiente nos reservava. Os anjos guerreiros não são bons profetas e suas habilidades de pressentir o futuro são deficientes. Tudo que eu tinha a fazer, portanto, era observar, e esperar.

Quando a negritude do céu passou do preto ao anil, eu desci a colina e selei o corcel. Um resto de fumaça ainda escapava das cinzas da fogueira, e eu apaguei o resquício com um punhado de areia. Tommaso acordaria em breve para preparar os camelos, e eu deveria partir o quanto antes, para que pudesse estar de volta pelo meio-dia. Apesar dos maus presságios da noite anterior, a caravana estava alojada em local seguro. Eu observara as imediações por horas com a minha visão apurada, e estava certo de que ninguém espreitava nos campos. Se algum ladrão pretendia rumar naquela direção, certamente ainda estava atrás das montanhas, e eu duvidava que qualquer um, mesmo guiando um cavalo veloz, fosse capaz de alcançar aquelas colinas antes do meu regresso. Ademais, eu confiava na velocidade de Ibn-Hatar.

No leste, o horizonte reluziu em carmesim, anunciando a chegada do sol. Amarrei duas crateras grandes ao lombo do cavalo, com as quais eu deveria recolher a água no oásis Feiran. Vesti um manto com capuz, próprio ao sol do deserto que nasceria em breve, e montei no alazão. Antes de partir, porém, vi que Flor do Leste já estava acordada. Em uma atitude inesperada, ela deixou a tenda, já vestida com roupas de viagem, e caminhou até mim. Havia uma expressão triste em sua face, assustada.

— O que foi, Flor do Leste? Eu vou voltar logo – esclareci, sabendo do apreço que a rapariga desenvolvera por mim. Talvez lamentasse a minha partida.

Ela não podia falar, mas as suas feições eram claras. A pequenina não queria ficar ali, não sem mim, naquele acampamento entre as pedras.

— Está tudo bem – confortei – Já estive sozinha outras vezes, você se lembra? Tommaso cuidará de você. Os gregos não lhe farão mal.

Mas os meus argumentos não tiveram nenhum efeito sobre a garota. Então eu concluí o lógico.

— Sim, eu sei, há uma sensação ruim neste lugar, mas não há nada a temer. As trilhas para cá estão vazias. Não há bandidos no caminho.

Ela não cedeu às minhas palavras, e ergueu uma das mãos para que eu a puxasse para a sela, e a levasse comigo.

— Muito bem. Se você quer vir, então suba – e eu a coloquei na garupa, não atrás de mim, mas entre o meu corpo e o pescoço do corcel, onde eu poderia segurá-la no caso de queda. A pequena oriental pareceu aliviada.

Ofereci a ela um lenço grande.

— Ponha isso em volta da cabeça, em forma de véu. Deixe só os olhos descobertos. Vai protegê-la do sol forte da manhã. Além disso, temos que ser rápidos e discretos. Não acho que os beduínos já tenham visto algum chinês, então é melhor que não despertemos a curiosidade deles. O tempo tornou-se um fator crucial em nossa viagem.

Ela concordou com um aceno, e iniciamos a nossa corrida ao posto de abastecimento de água. Enquanto cavalgava, eu fiquei pensando sobre o que exatamente Flor do Leste havia sentido naquela noite. Teria ela somente notado uma aura maligna a sacudir o Tecido ou teria prenunciado algo muito pior, algum acontecimento pavoroso e violento que escapara aos meus sentidos?

De qualquer maneira, eu não tardaria a voltar ao acampamento.

Diferentemente do que muitos estrangeiros poderiam pensar, o oásis Feiran não era um local cercado de palmeiras, com uma fonte natural no centro. Ele era, e ainda é, o maior dos oásis do Sinai. Segundo os escritos hebreus, fora ao impacto do cajado do profeta Moisés que a água surgira do rochedo, para saciar o povo sedento que, sob sua liderança, havia escapado do Egito e seguia rumo à Terra Prometida.

Para chegar ao lugarejo, cavalgamos, eu e Flor do Leste, para o sul, em direção às montanhas, mas o nosso objetivo estava aquém delas. Uma trilha bem delineada, quase uma estrada, nos levou ao cimo de uma larga colina, de encostas cobertas por acácias e plantas resistentes. Para minha surpresa, o que encontrei no topo do morro não foi um simples posto de abastecimento, mas uma pequena aldeia que se alongava por toda a superfície de um vasto platô. Uma velha muralha de tijolos indicava os limites da localidade, mas estava em ruínas, e certamente não oferecia mais qualquer proteção. Sua utilidade era apenas decorativa, e se ainda estava de pé era porque os homens que ali moravam preferiam conservá-la por sua importância histórica – uma importância que eu só conhecia por lendas e poemas. Uma passagem arqueada dava acesso ao centro da vila, e eu percebi que, há anos, um portão bloqueara a abertura. Dessa defesa ancestral sobrara apenas um par de dobradiças enferrujadas, que rachavam as laterais do umbral, já envoltas em um tipo vigoroso de erva trepadeira.

Feiran, portanto, não era um oásis comum. Uma alameda flanqueada por tamareiras formava o eixo fundamental da aldeia, terminando dali a 200 metros em uma poça grande, decorada com fundo de mosaico, que recolhia a água cristalina que descia das montanhas. Ladeando a alameda eu vi, próximas à encosta, algumas casas simples, de adobe e feno, que serviam como moradia para as poucas famílias beduínas que haviam estabelecido residência no alto da colina. No solo fértil do morro, na horta das casas, cultivavam-se tamarindos, uvas, maçãs e figos. Mais adiante, no aclave escarpado ao sul, um grupo de homens trabalhava em um pequeno campo de cereais.

A população residente em Feiran, logo percebi, não era numerosa, mas a vila devia estar sempre cheia de viajantes, como era o caso naquela manhã quente de inverno. Muitos visitavam o oásis para abastecer suas caravanas, alimentar os animais, ou apenas para descansar à sombra de uma árvore de folhas largas, e havia muitas delas. Mercadores, andarilhos e fugitivos erravam pelas ruas arborizadas. Comerciantes nabateus expunham suas mercadorias sobre esteiras de palha, trocavam camelos, faziam negócio. Sentado em cima de uma pedra, um homem manipulava serpentes. Mais ao longe, um músico tocava sua flauta.

Feiran parecia mais movimentado a cada metro que eu cavalgava. Observei que, ao norte, uma das casas, grande como um galpão, era usada como estalagem. No pátio, uma caravana estava de partida. Os peregrinos eram quase todos pobres, pois montavam mulas e

burros, e não cavalos. Poucos puxavam camelos. Mas o mais curioso foi notar que aquele não era um comboio mercante. Eram famílias inteiras, talvez dez ou doze, que viajavam pelo deserto. Levavam crianças, muitas delas pequenas, outras ainda bebês. Pelas mãos, e pelo olhar, deduzi que eram trabalhadores comuns, artesãos, agricultores, gente que não teria qualquer motivo para empreender uma viagem longa carregando sua prole.

Absorto em pensamentos, eu não me dera conta de que a minha presença chamara a atenção de muitos locais, que me olhavam desconfiados, mas não agressivos. O Sinai, até então, era território dos nabateus, que, como muitos povos da Arábia, não nutriam grande simpatia pelos romanos, pois sabiam que, quando se fizesse a oportunidade, o Imperador tentaria invadi-los. O capuz que cobria a minha cabeça e sombreava meu rosto não impediu que os beduínos enxergassem a tonalidade clara de minha pele, e cor dourada de meus cabelos. Como pouco conheciam sobre os povos ocidentais, naturalmente estavam a pensar que eu era romano, talvez um soldado, na melhor hipótese desgarrado. Talvez os mais velhos já tivessem visto um grego, mas os helênicos raramente tinham cabelos loiros, então o que sobrava era a imagem do legionário.

A curiosidade ainda não se convertera em hostilidade, mas os olhares bairristas me advertiram para eu apressar a minha saída. Não que os mortais fossem me agredir subitamente, afinal eu era apenas um cavaleiro viajante, mas era de meu próprio interesse retornar logo ao acampamento, por isso eu desejava evitar uma abordagem inquisitória – que, imagino, era o máximo que fariam com um visitante inocente, mesmo que ele fosse romano.

Atei as rédeas de Ibn-Hatar ao galho baixo de uma acácia, desmontei e ajudei Flor do Leste a descer da sela. O corcel era forte, alto, e as pernas curtas da rapariga não alcançavam o estribo, deixando-a sem apoio.

— É melhor não nos demormos aqui, Flor do Leste – sussurrei – A nossa presença não é apreciada.

Ela ouviu atentamente as minhas palavras de advertência, e logo caminhou à fonte, esticou o véu e bebeu um gole d'água. Depois, recolheu um pouco para si em um canil de peles que Tommaso havia comprado para ela em Eilath. A nascente, entalhada na falda do rochedo ao fim da alameda, descia para um escoadouro largo, mas não muito profundo, construído em semicírculo e decorado com mosaicos de cores desgastadas. O desenho no fundo da poça mostrava o rosto de um leão, talvez um tributo à deusa Uzza, cultuada pelos nabateus. Aquela não era a única fonte em Feiran. Cada casa tinha a sua própria cacimba, mas esta era a área reservada aos forasteiros, e por isso era chamada de Mina dos Peregrinos.

Busquei as duas crateras no lombo do corcel e me ajoelhei na borda do escoadouro, sob a proteção das palmeiras que atenuavam o calor do sol.

Ao meu lado, à sombra das árvores, sentava-se uma jovem mãe a banhar o seu filho. Tinha cabelos longos, negros, e seu rosto era de uma beleza ímpar, fraternal, acolhedora. Vestia-se como uma israelita, e não como uma mulher do deserto. Uma túnica grossa, descolorada, protegia o corpo, e um manto longo e delgado cobria a cabeça. Sem dúvida não era beduína, então inferi que deveria estar acompanhada da caravana das famílias que se preparava para partir do povoado.

A criança brincava na água enquanto a moça a lavava com óleo, entoando baixinho uma velha canção sobre os reis de Israel. O menino não devia ter mais de dois anos de idade, mas o seu olhar era esperto, sagaz. Tinha o espírito sonhador e criativo comum às crianças e, ao mesmo tempo em que observava o curso da água, escutava interessado a melodia que a mãe cantarolava. A cumplicidade e o amor entre eles eram supremos, inestimáveis. Ao ver as suas almas juntas, felizes, eu senti como se o mundo parasse, e me detive, sem reação, como que assaltado por uma revelação magistral. Então era isso. Esse era o amor o qual os arcanjos

sempre invejaram. Era o mais simples, mais puro dos sentimentos, e era também o mais perfeito, o mais sublime, o mais completo. Era o amor entre mãe e filho, o amor que só os humanos podem ter, o amor verdadeiro, o amor que provém da *alma*. É o legado divino dentro de cada mortal, a capacidade de gerar vida, de dar à luz um novo ser, e de ensiná-lo os passos da vida. Nós, anjos, nunca conhecemos esse amor, e eu imaginava que nunca conheceríamos. Que benção maravilhosa é ter uma alma, pensei, e ser capaz de escolher o seu próprio caminho.

A visão hipnótica me pusera em transe, até que fui sacudido por Flor do Leste. Ela apontou para dois homens com roupas escuras, que caminhavam pelas cercanias com cimitarras na cinta. Suas faces não eram amistosas, e eu supus que integravam a milícia informal que patrulhava o oásis. Sem demora, afundei uma das crateras na poça, e esperei até que a boca do recipiente engolisse toda a água que suportava. Enchi o segundo vaso, e comecei a tapá-los com um pedaço de lona, quando um dos guardiões estacou ao meu lado.

— O que acha que está fazendo, estrangeiro? – ele falava em aramaico, o idioma comum usado pelos mercadores do corredor sírio-palestino.

Eu me virei para encará-lo. Era um sujeito alto, de pele morena, nariz reto e barba crespa. Tinha constituição de guerreiro, mas já era velho para atuar como soldado. Um segundo miliciano, bem mais jovem, o escoltava, e acompanhava tudo com o olhar nervoso.

— Pegando um pouco de água – respondi.

Ele olhou para o jovem e fez sinal para que levasse a mão à espada.

— Você é romano?

— Sou desertor – não chegava a ser uma mentira.

O guardião recuou dois passos e deslizou a mão sobre os pelos avermelhados de Ibn-Hatar.

— Que tipo de desertor viaja cavalgando um corcel, e levando uma escrava consigo? – apontou para Flor do Leste.

— A menina não é minha escrava.

O guarda não estava disposto a me ouvir.

— Deixe essas crateras aí e vá embora, peregrino. Nenhum romano vai tomar o que é nosso. Até onde me avisaram, esta terra é dos nabateus, e não do seu Imperador.

Aquele era o tipo de situação que eu queria evadir. Como iria convencer o furioso guardião de que eu nada tinha a ver com os planos de César. Não desejava lutar com eles, até porque temia pela segurança de Flor do Leste. E também não podia simplesmente deixar o oásis, afinal os homens e animais da caravana precisavam da água daquelas crateras.

De súbito, quando eu já quase já tinha perdido as esperanças em um desfecho amigável, uma voz fez-se escutar próxima ao escoadouro.

— Esse homem não é seu inimigo, guardião – disse a moça, que enxaguava o óleo do corpo de seu filho. A princípio, pensei que o miliciano não daria importância ao seu comentário. Ela era uma mulher, e jovem, uma posição não muito confortável para a época, e pouco considerável. Contudo, a presença e o carisma da israelita era arrebatador, o que levou o homem a rever suas ameaças.

— Os romanos são nossos inimigos, senhora – ele só a chamou assim quando entendeu que era mãe do pequeno – O ancião nos advertiu de que Roma enviaria observadores. Como pode ter certeza de que este não é um deles? Para mim, mais parece um legionário. Já vi alguns deles na Galiléia.

Ela retirou o menino da água, e o secou com uma peça de tecido absorvente.

— Que tipo de gatuno penetra a casa pela porta principal? Os bandidos sempre invadem furtivos, na calada da noite, pulando a janela. Os espiões, se existem, não se mostrariam como este se mostra. E nem trariam escravas consigo.

O guarda mais velho olhou para Flor do Leste e entendeu quanto ela era frágil e inocente. Não parecia ser parte de um plano imperialista de dominação.

— Dizem que esta fonte foi criada por um profeta de meu povo há muito tempo atrás – continuou a mulher – Se assim for, eu reivindico o direito de dar de beber a esse homem.

O vigia coçou a barba, indeciso, e o homem de trás largou o cabo da cimitarra, deixando a espada quieta na bainha. Não queria dar-se por vencido, e talvez fosse por demais humilhante acatar os comandos de uma jovem senhora, mas os argumentos dela eram inquestionáveis. Calados, os dois abaixaram as cabeças, deram as costas e regressaram à vereda.

Eu esperei que eles voltassem a seus postos e, quando já estavam distantes, aproximei-me da jovem, que enrolava o filho em uma roupa para viagem.

— Eu não sou romano – confidencieei, enquanto cerrava a cratera.

— Eu sei – ela disse, e eu vi em seus olhos castanhos uma sabedoria primeva, universal, como poucas vezes eu vira até mesmo entre os celestiais. Ao vislumbrar o seu rosto, desapareceu a vontade que eu tinha de explicar quem eu era, porque achei que, de alguma forma, ela já sabia.

— Você está com aquela caravana de trabalhadores, não está? A caravana das crianças? – eu ainda estava curioso sobre aquele comboio tão singular.

Ela concordou com a cabeça, levantando-se da beirada da poça.

— Nós, e as outras famílias, viemos da Judéia. O rei Herodes ordenou o massacre de todas as crianças de até dois anos de idade em Belém. Estamos fugindo para o Egito, para salvar nossos filhos.

*Um massacre!* Eu já vira crueldades semelhantes antes, e fiquei pensando se aquela carnificina fora mesmo fruto da ira dos homens, ou se havia a mão dos arcanjos a controlar o teatro mundano. De acordo com as notícias trazidas por Nathanael, a Criança Sagrada nasceria na Palestina. Teria essa chacina alguma ligação com o surgimento do Salvador?

— Mas por que o rei ordenaria o assassinio de inocentes?

— Uma profecia chegou aos seus ouvidos, e ela diz que um menino nascido da linhagem de Davi roubaria o seu trono, pondo fim à sua dinastia – Mesmo conhecendo a origem familiar do indivíduo que, segundo a profecia, o ameaçava, Herodes não poupou esforços para matar quantas crianças podia. Será que o Salvador perecera em virtude dessa violência? E os anjos de Nathanael? Conseguiriam eles manter a sua missão, e proteger o menino no Céu e na Terra?

— Eu sinto muito por tudo isso – eu disse, desconsolado. Não me considerava responsável por qualquer mortandade, mas havia um filete de culpa em meu coração. Enquanto alguns celestiais, ao leste, lutavam para defender o Iluminado, eu partia em direção contrária, para Roma, em uma demanda mais particular do que heróica.

— Agora não há mais com o que nos preocupar. Estamos longe da Judéia, e o meu marido conhece homens influentes em Heliópolis – essa aldeia egípcia, célebre por seus jardins, ficava a dez quilômetros do local onde mais tarde viria a nascer a cidade do Cairo.

Antes que eu desse continuidade ao diálogo, a moça viu que um homem, também vestido como os israelitas, a observava, severo. Era mais velho do que ela, e puxava as rédeas de uma mula, carregada de mantimentos e bagagens. De início, pensei que fosse seu pai, mas logo lembrei que era costume entre os judeus casarem-se com mulheres mais novas, que, segundo eles, lhes dariam filhos mais fortes.

— Eu tenho que ir agora – ela falou – A minha caravana está de partida.

— Eu também devo me apressar – repliquei, ao notar que os guardiões, afastados, ainda me encaravam indiscretos.

Ela entendeu a minha apreensão, e percebeu o que me preocupava.

— Segue em paz o teu caminho – disse finalmente, com um sorriso amável, e carregou o filho ao comboio. A sua esperança e o seu amor me deram coragem. A paz que eu procurava era, então, um ideal distante em meio àquele mundo agitado por guerras, ódio e assassinatos. Mas, de repente, a paz estava ali, tão próxima de mim quanto a água que jorrava da mina. Era a paz de um momento, de um breve momento, mas é sempre assim que se apresenta a felicidade. E é exatamente esta a grande sabedoria – encontrar, na brevidade, a essência da eternidade.

*Segue em paz o teu caminho* – eu já ouvira essa frase antes, há muito tempo. Mas, naquela euforia emotiva, eu não pude me lembrar quem a proferira, ou quando.

O meu caminho estava livre, aberto, e eu o trilhei em paz. A serenidade, contudo, mostraria a sua efemeridade.

E então veio a tempestade.